

A força das instituições

Dizem que quando ficamos mais velhos olhamos o mundo de outra maneira. O que era um pouco à esquerda parece se movimentar um pouco para a direita e assim por diante. Deve ser verdade...

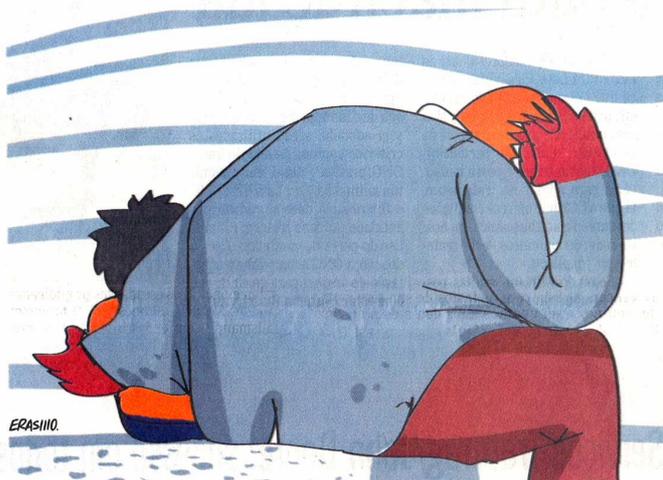
Os depoimentos dessa natureza começam sempre com o famoso: “Na minha época...”.

Pois então, não faz muito tempo em que diversas instituições recebiam um respeito muito maior que aquele que se observa hoje. Poderíamos começar com a família, passar pela Igreja e chegar a um rol seleto de profissões: professores, médicos, advogados, dentre outros.

Não faço coro com a “falência das instituições”, mas que a mudança é evidente, isso é um fato.

Seguindo a ordem, nós, pais modernos, queremos ter nossos filhos como amigos, principalmente. Esforço válido, inovador, oportuno, mas que em alguns momentos pode implicar uma flexibilidade enorme quanto aos famosos limites a serem estabelecidos.

Queremos também oferecer a nossos filhos todo aquele conforto que não pudemos receber de nossos pais. Tudo isso é muito bom, mas implicando que os filhos precisam ter um discernimen-



to cada vez maior para usufruir dos bons exemplos registrados em casa (antigamente a vida era mais sofrida).

Igreja, que num país como o nosso se confundia com a religião Católica, passa por um momento em que a com-

torna-se literalmente um sacerdote, carregando toda a carga extra de sacrifícios passíveis de serem suportados.

petição com outros credos é patente. Princípios éticos supostamente sólidos, aprendidos por meio de quaisquer religiões, não parecem mais fazer a diferença em muitas das rodadas de negociações em que venhamos tomar parte.

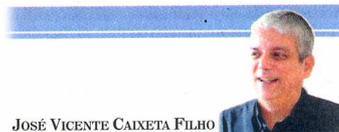
Profissionais respeitados: relação muito direta com o grau de remuneração envolvido. A baixa valorização de um professor, por exemplo, faz com que desincentivos sejam evidentes quando da atração de bons profissionais. Caso esse bom profissional venha a ser atraído, mais que um professor,

Novos tempos, novas profissões, novas valorizações. Ter a filha casada com um médico era o sonho dourado de muitas famílias. Hoje não mais. Muito melhor conseguir com que essa filha se case com um político ou com um jogador de futebol bem sucedido.

O ‘novo’ paradigma: ser feliz. Fazer as coisas — em casa, no trabalho — com muito prazer. Torcer para que a irmã, o vizinho, o concorrente se deem bem na vida. Todos ganhamos muito com o sucesso dos outros. E a possibilidade de se apoiar em instituições sólidas para se alcançar tais feitos fará com que se diminua cada vez mais o hiato que separa as nossas diversas classes sociais.

O abraço caloroso nos pais, o olhar e comportamento respeitoso em sala de aula, ter a clareza do valor da profissão de qualquer indivíduo, o respeito à ética e à natureza são exercícios para tal. Fáceis? Nem tanto. Ora, precisamos de constantes desafios para de fato entendermos que podemos ser felizes, inclusive a partir desses ‘pequenos’ atos.

JOSÉ VICENTE CAIXETA FILHO é piracicabano
josecaixeta@terra.com.br



JOSÉ VICENTE CAIXETA FILHO